

Rita Ferro

SÓ SE MORRE UMA VEZ

Diário 2



D.QUIXOTE

Estoril, domingo, 24 de Novembro de 2013

– Insatisfação permanente, esvaziamento de sentido de vida, preguiça de continuar.

É Lúcia quem resume as minhas queixas. Lembra-me que somos amigas há 18 anos e que me ouve sempre as mesmas.

Coro de vergonha. Com que direito imponho aos outros questões destas? Baratas, comuns a toda a humanidade?

(Um amigo cínico assegura-me que os outros se pelam por ouvir exposições pormenorizadas dos dramas alheios, só para se regozijarem com a distância a que estão deles. Acontece-me o mesmo quando, tão raramente, os papéis se invertem. Felizmente, não é o caso da Lúcia, que fica triste quando me encontra abatida.)

Escolho outras palavras para, afinal, dizer o mesmo. Descrevo o que sinto, actualizo-a sobre as últimas crises. Afinal de contas, tenho uma nova idade e uma nova circunstância nunca discutidas.

«Lúcia, os quarenta e os cinquenta foram o que lhe disse: uma tristeza ilegítima – ou legítima, sem a compreensão de ninguém – interrompida por muitas graças, alegrias e privilégios. Os 60 são diferentes. Os filhos há muito saíram de casa e, saturados da espiga das regras, dos sermões e de uma dedicação maternal já invasiva, celebram a alforria aparecendo menos. Não critico nem tão-pouco sou a típica vítima da síndrome do ninho vazio. Mal a última cria bateu asas, agradei por elas e por mim.»

«Mas voltando à nova fase, Lúcia: se é isto a velhice, não a quero. Uma órbita em redor de nós mesmos, um silêncio lunar, o desfasamento total dos ritmos e das vidas dos meus amigos – chega-se a uma idade em que a nossa circunstância é tão individualizada que não voltará a coincidir com a de ninguém. Durante a juventude, ir ao cinema ou dar um passeio era algo que podia ser feito a todo o momento, com qualquer pessoa. Não hoje. As exigências e predilecções acabaram por nos isolar. Aos quase-sessenta – faltam dois anos – o filme que quero ver não quer ser visto por mais ninguém; e o passeio que quero dar não apetece a nenhum outro ser vivo. Como se não bastasse, a hora a que eu gostaria de ver o filme ou de passear não coincide com a disponibilidade dos outros. Houve sempre solidão, mas agora a responsabilidade é nossa, porque nos tornámos ainda mais rigorosos e exigentes, e não encontramos quem acerte exactamente com as nossas necessidades mais prosaicas.»

«Em tanta abundância de amigos, por vezes não encontro um único que sintonize o meu estado de espírito – ou é

demasiado popular e integrado, sem experiência ou densidade, ou ainda mais dependente, inseguro e neurótico. Em última instância, não só não aliviará o meu estado de espírito, como pode dar-se o caso de o agravar.»

«Mas não é só isso, Lúcia. A velhice está aí e, apesar dos muitos amigos, todos têm as suas vidas. Pensamos então que um dia vamos desta para melhor, durante a noite, e que os filhos só nos descubrem três dias depois, alertados por um vizinho. Aliás, tenho que tirar as chaves da porta quando a tranco de noite. Entreguei cópias ao meu irmão e à minha filha, mas, se não comunico por uns dias e se se lembram de entrar por aqui adentro para confirmar o meu óbito, é muito custoso fazerem-no com as chaves penduradas na ranhura.»

«E sabes como sei que a velhice chegou, Lúcia? Por ser a primeira vez em que penso nisto – na síncope, nas chaves, no trabalhão que darei.»

«Mas, Lúcia, dizia eu: não sei se quero a velhice e, atenção, não falo de suicídio. Uma coisa é querer vivê-la, outra, não querer, mas aceitando-a apesar de tudo – que remédio. É o mesmo que dizer, Lúcia, que não sei se vou querer mesmo vivê-la ou se a viverei por não ter solução. Querer viver até aos 85 e arriscar-me à surdez, à cegueira e à incontinência, parece-me ainda fora de questão. É claro que posso viver até aos 90 com memória, ganas e mobilidade, mas mesmo assim não sei se quero, compreendes? Ouvir “ainda estás estupenda” é o mesmo que me amortalharem em vida – não, não sei se quero.»

«Há pessoas que querem tudo até ao fim, já reparaste? Sem um minuto de desconto, mas de um modo

customizado: querem as doenças “que Deus mandar” e morrer quando chegar “a minha hora”. Como se Deus enviasse as doenças por FedEx e A Hora fosse agendada pelo Próprio.»

Quando falo assim, em catadupa, é porque me falta dizer o principal. Minto: é porque não o encontro, embora o saiba em falta. Mas calei-me abruptamente. «Talvez a Lúcia perceba o resto», pensei.

Passaram dois minutos antes que a primeira falasse.

Estoril, segunda-feira, 25 de Novembro de 2013

Segundo dia do meu segundo diário – que terá mudado desde o último? Que alterações sofreu a minha vida? Por que motivo associamos sempre a mudança a progressos? Nem todas as mudanças correspondem a uma evolução ou, sequer, a um benefício. E mesmo quando parecem corresponder nem sempre a evolução se confirma no tempo. A culpa é minha, gosto de movimento. Escolhi um dia a minha divisa com uma convicção juvenil:

Antes pior que igual

E, no entanto, olhando para mim e para o que me rodeia, reparo que permaneço quieta no mesmo sítio, no

mesmo lugar, na mesma mesa onde, há um ano, comecei o primeiro diário; onde, há três anos, escrevi o primeiro romance biográfico; onde, há cinco anos, escrevi o único livro erótico; onde, há 25 anos, escrevi o romance de estreia.

Nem posso dizer, em rigor, que durante todo este tempo alguma vez me ausentei desta mesa, apesar de as mesas mudarem com as casas, as casas com os homens, e os homens com a minha forma de amar e de escrever.

Também me ouvem dizer que detesto rotinas. Chego mesmo a asseverar não as ter, sem consciência de que estou a mentir. A verdade é que me dispus um dia a contá-las e desisti – são tantas que incomodam. E não mentia, claro; limitava-me a ser fiel à ideia que fazia de uma pessoa que entretanto mudou, mudou muito, mudou tanto que já não se reconhece na versão que tem de si.

Todas as manhãs entro no escritório antes de tomar o pequeno-almoço para ver se há *mails* no computador ou mensagens no telefone. Todas as manhãs bebo meio litro de água em jejum. Todas as manhãs torro uma fatia de pão de centeio e acompanho-a com uma peça de fruta. Todas as manhãs vou à varanda, Verão ou Inverno, para respirar ar puro e sentir a temperatura.

À tarde, substituo estas por outras rotinas. Fazer um *back-up* no disco rígido; pôr pingos nos olhos; anotar aquilo de que preciso para a casa; hidratar-me à tarde e à noite; dar duas voltas à chave de casa antes de me deitar. Sou, afinal, um inventário de rotinas, de modo que preciso pausar de vez em quando para actualizar a ideia que faço de mim e cuja disparidade tem aumentado com os anos.

O que mudou, perguntava eu? Nada como escrever um diário para encontrar as diferenças.

Outra mistificação é pensarmos que temos uma vida solicitada e preenchida, quando é, muitas vezes, apenas solicitada.

Hoje, por exemplo, tinha uma conferência na Casa da Paula Rego, moderada pelo José Paulo Fafe, pessoa de quem muito gosto e cuja oratória gostava de conhecer, mas, mesmo sendo perto e o tempo não estar mau, disse-lhe que tinha outro compromisso. Tinha, mas não fui a nenhum deles.

Dantes, perguntava-me por que razão saía tanto à noite, agora pergunto-me porque saio tão pouco. Aqui, sim, noto alterações.

*

Mais uma noite de sono denso e confuso. Enquanto sonhamos, alguém nos humilha, arriscamo-nos como heróis de banda desenhada, salvamo-nos à risca. Acorda-se tonto, esfarrapado da refrega, desconfiado. E chega a manhã para nos dizer «veste a farda». E chega o pequeno-almoço da recaída: «O que foste ontem, minha menina, serás hoje também.» Que raiva. Há quem quebre este ciclo infernal transcendendo-se aqui e ali, mas é ilusão. Morrerás quem sempre foste.

Estoril, terça-feira, 26 de Novembro de 2013

Um salto ao Príncipe Real para a vernissage do Carlos Pedro Barahona Possollo, a quem trato carinhosamente por Kapê. Já não sei como o conheci. Ou sei: foi há vinte anos, num jantar em casa de dois anfitriões memoráveis: a Matilde e o Jorge Guimarães. Ele, escritor, dramaturgo e artista plástico, já desaparecido; ela, conhecida autora de livros de gastronomia, minha vizinha aqui do Estoril e mãe de um grande amigo¹.

O Kapê era um miúdo na altura, com a pele rosada e duas turquesas nos olhos, cintilantes; mas, em Portugal, na Itália e um pouco por toda a Europa, já era o grande pintor que é hoje. As exposições são sempre emocionantes, com as telas muito grandes, de um realismo quase fotográfico, e as figuras, mormente inspiradas na mitologia grega ou romana, nos pecados capitais ou na herança egípcia, projectam-se em toda a sua nudez. Nem todos têm estômago para aquilo. Os genitais são portanto escalados a proporções ciclópicas, enquanto os rostos são perversamente comuns, como os das pessoas com quem nos cruzamos diariamente, o carteiro, a cabeleireira, o gerente de conta.

As telas são indecorosas, ofensivas para muitos, mas o talento é tamanho que amortece o escândalo. Para mim, o que espanta é o contraste dos seus nus com a expressão arcangélica que Deus lhe deu. Continua um miúdo na aparência, mas, como rapa o cabelo, os olhos

¹ Henrique Sousa Lara.

reclamam o protagonismo de todo o rosto, brilhando como estrelas.

Ana Maria Caetano, filha do Professor Marcello Caetano, mulher culta e livre, tem um trabalho dele a toda a largura da sua sala de Belas, representando a arquetípica Inês, que provoca chilikues às visitas. Embora trajada com vestes de rainha, está nua da cintura para baixo, sentada, as pernas abertas, as mãos pousadas nos joelhos afastados, como se se preparasse para introduzir um tampão.

É risonho e doce, fala muitos decibéis abaixo da maioria das pessoas, e é daquela delicadeza sincera e humilde própria dos muito inteligentes, ou daqueles que já foram e voltaram em termos de Conhecimento e, no caminho, se aperceberam do que realmente conta num ser humano. Lembro o que alguém¹ escreveu e lhe assenta como uma luva:

*Carácter é o modo como trataas pessoas
que nada têm para te oferecer*

É assim o Kapê: até lhe provarem o contrário, todos os seres humanos são dignos de admiração.

Tudo isto sem dispensar a ironia, o remoque oportuno, a bravura com que investe contra os moralismos.

Sou sua admiradora, pois entendo que nada na sua obra é gratuito, e que a nudez dos seus quadros, embora perversa, devolve aos homens a sua pureza original.

¹ Abigail Van Buren: autora, apresentadora de rádio e colunista americana, com o nome real de Pauline Phillips (1918-2013).

Numa das últimas exposições, na Sala do Veado¹, uma das telas, considerada maldita, representando um dos cardápios sexuais mais praticados no Mundo, teve que ser retirada da vista dos visitantes e isolada num dos cantos da galeria, atrás de um biombo, para que o deguste do escabroso não incomodasse os burgueses.

E pronto. Lá fui encontrá-lo de novo, esta noite, curioso da reacção das pessoas, a atender uma a uma com o contentamento infantil de um monge tibetano. De vez em quando, lá entrava alguém ao engano, atraído pelo movimento cá fora, e tornava-se interessante observar o modo como certos perfis transitam das suas vidas sem arte para todo aquele estendal de formas instigantes: uns, tentando ultrapassar o choque inicial para se adaptarem ao nunca-visto, outros, escapulindo-se disfarçadamente para respirar fundo lá fora.

Nestas ocasiões, era ver o Mestre a encolher-se para se tornar invisível, como se fosse um simples distribuidor de preçários, rabiscando em silêncio, de modo a permitir o encontro a sós dos visitantes com a sua obra, poupando-os ao constrangimento da sua presença.

Tenho de o convidar para jantar, a ele e ao Leonel, seu companheiro de há muitos anos.

*

A Joana, a quem chamei Patrícia no Diário 1 e que agora me exigiu «Põe, se fazes favor, o meu nome verdadeiro!»,

¹ Galeria de Arte situada no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa.

de quem fiquei amiga da forma tortuosa mas definitiva que lá conto, é a mais surpreendente das amigas. Não tem limites, é maior que a vida!

Desafiei-a para uma pequena viagem, respondeu-me:

– Só se me convidares para tudo, não tenho um tostão!

– Este mês, *ni hablar!* – gritei.

– Eu é que não posso, calha bem! Pedi 20 000 euros à Cofidis e o empréstimo tornou-se rapidamente em 34 000 euros. Como não paguei, congelaram-me a reforma.

– Mas por que raio é que uma pessoa como tu, com uma grande reforma, há-de pedir um empréstimo de 20 000 euros à Cofidis?

– Para comprar roupa, ora!

Estoril, quarta-feira, 27 Novembro de 2013

Certa esquerda, que não pode mais distinguir-se da direita em termos de hábitos sociais ou económicos – por ter adoptado 100% o estilo de vida burguês e capitalista – precisou de inventar pacotes distintivos para se demarcar. Assim, um pacote de esquerda inclui os seguintes produtos:

- a) Não consideras o aborto um crime
- b) Não consideras a eutanásia um crime

- c) Consideras as touradas um crime
- d) És a favor do casamento e da adopção *gay*

Hesitas num que seja e, para esses, não te limitas a ser dissidente ou divergente, indeciso ou objector de consciência; és de direita e logo da mais extrema, pavorosa, dessas que exploram os empregados, defendem a censura e sonham com um novo Salazar.

Há outra facção que, com a Revolução, se limitou a reverter o sinal: foram perseguidos, perseguem; foram humilhados, humilham; foram chibados, chibam. Foram marginalizados e penalizados, marginalizam e penalizam.

É a chamada lei de talião¹, vigente em 2000 anos a. C: olho por olho, dente por dente. Uma espécie de castigo-espelho, como a pena de morte, segundo a regra – vândala, mas ainda em vigor – de que a punição deve ser exactamente igual ao crime.

Mas o problema não é esse; o problema é que, quarenta anos depois, já em liberdade, vingam a direita de Salazar na direita democrática, como se fossem a mesma coisa – que dó.

*

- Está lá?
- Sou eu, Joana!
- Joana!

¹ Chamada hoje, apropriadamente, «retaliação».

– Estou furiosa! Os meus filhos são uns fonas e não me deixaram dinheiro para tabaco!

– Ah, coitadinha, tenho uma pena de ti...

– Mas olha, sabes o que estou a fumar?

– Diz...

– Charutos cubanos, mas dos bons, feitos por camponeses! Foi a Maria que os trouxe de Havana, levam cinco dias a fumar!

Estoril, quinta-feira, 28 de Novembro de 2013

Disse à Isabel¹ que tinha saudades de andar de carro e foi o que bastou; tratou logo de arranjar três dias para me levar ao Norte e me ajudar a espairecer – devo-lhe tanto, mas tanto, que já não me resta tempo de vida para retribuir!

Sendo mulheres e primas, seria de esperar que dormíssemos no mesmo quarto, poupando na diária. Que não, que ressono. Até me provarem o contrário, é calúnia. Mas a verdade é que, a partir de certa idade, a privacidade passa a ser uma exigência e, nisso, somos iguais. No Hotel Porto Palácio dormi nove horas profundas, e, em Amarante, comi doces de ovos maravilhosos. Ainda nos

¹ Isabel Rocha e Mello, prima e amiga de todos os dias.

sobrou tempo para dar um salto ao museu Souza-Cardoso e gozarmos de uma suculenta exposição de Arte Moderna que, só por ela, justificaria a viagem.

A Paula Mascarenhas, de Lisboa, outra amiga citada no diário anterior, agora casada e a viver no Porto, saiu de casa de propósito para nos visitar no Hotel, mas irritou-se e com razão: tanto a Isabel como eu não largávamos os PC, o que ela tomou por uma desfeita indesculpável – ficou fula! Não foi desconsideração: eu estava a rever um prefácio, numa urgência, e a Isabel a marcar a sua nonagésima viagem ao Brasil. Ainda fui atrás dela até ao elevador, pedindo desculpa e tentando fazê-la rir-se, mas não adiantou. Felizmente, nada nela amarga ou se ressentiu.

No Porto, demos um salto a Miramar para jantar com uns amigos da Isabel que trabalharam com ela na Sogrape, e ainda nos rimos. Sou cada vez mais avessa a jantar com quem não conheço, mas a Isabel escolhe os amigos a dedo, de modo que nunca há grande margem para surpresas – é sempre gente «agradabilíssima», para servir um superlativo lá de casa.

Em Amarante, falhei mais uma vez a ida à Casa de Pascoaes e uma visita ao primo amarantino, Luís van Zeller de Macedo – fica para a próxima.

Em compensação, tivemos um ataque de riso na Igreja de São Gonçalo, provocado pela cara do padroeiro – que santo mais medonho!

Estes ataques de riso, que tenho com a Isabel, são devastadores e chegam a durar semanas, se alguma coisa nos relembra o episódio. Um deles deu-se no mais inexpugnável dos mosteiros indianos, em plenos Himalaias,

no Ladakh. Depois de duas horas de travessia impossível, numa zona sem turismo algum – só abre nos dois meses sem neve –, ao entrarmos reverentemente na sala comunal para assistir à cerimónia do chá, reparámos que o lama de serviço usava uma fitinha do Bonfim, essa pulseira simultaneamente colorida e supersticiosa, que não passa de moda.

Bom, foi como passar do convento ao cabaré, sem transição, e que me perdoem os devotos do padroeiro de São Salvador da Bahia, que tanto respeito. Mas encontrar um acessório daqueles, mais turístico que religioso, num lugar tão ermo e remoto como o pulso de um monge caquético, que só vê ocidentais uma vez por ano, e, sobretudo, imaginá-lo a embarcar num modismo daqueles, provocou em nós uma tal explosão de riso, que a Lurdes, que foi conosco e é budista, revirou os olhos enquanto meditava.

Um surto idêntico viria a verificar-se num miradouro do Ladakh, quando fomos apresentadas não ao Dalai Lama¹, que estava constipado, mas ao seu irmão. O senhor tinha um ar de candura incomparável e usava, no pulso esquerdo, um Rolex de ouro.

Desde sempre sofri destes ataques. Há muitos anos, no Rio de Janeiro, numa mesa solene de editores, um deles resolveu falar nordestino carregando no sotaque com uma expressão tão caricata que não morri por acaso. Engasguei-me, caindo da mesa e aterrando de gatas no chão, e foram precisas várias pessoas para me reanimarem. No fim, tive mesmo que sair da reunião e voltar ao

¹ É no Ladakh, nos himalaia indianos, que fica a residência de Verão do Dalai Lama.

hotel, porque sempre que me lembrava da voz do homem engrenava a rir outra vez, perturbando tudo e todos. Reparei que ninguém mais achou graça, porventura saturados da chalaça do homem – chamava-se Pio Borges, nunca esquecerei –, useiro e vezeiro a fazer aquele número.

A última vez foi no Algarve, num espectáculo da Ute Lemper – cantora, bailarina e actriz alemã, de extrema elegância, aclamada em todo o Mundo – que fui ver com a minha filha e, salvo erro, uma sobrinha. A cantora tem uma discretíssima assimetria na cara, que se arrepanha de um dos lados, quando sobe o tom, a qual, de tão imperceptível, não chega a desfeá-la.

Enquanto a ouvia cantar, fascinada, olhei a Marta a meu lado para tentar perceber pela expressão se estava a gostar tanto como eu. É quando ela, voltando-se para mim, imita subtilmente a careta da Lemper. Bom, desatámos a rir e continuámos a fazê-lo durante toda a actuação, hesitando sobre o que daria mais nas vistas: abandonar a sala, estando nós na segunda fila, notadas por toda a gente; ou continuar ali, abafando as gargalhadas, até que o espectáculo terminasse enfim.

Foi o que fizemos, mas acabou por ser penoso para ambas, porque o esforço que fizemos para que os soluços de riso não se ouvissem, deixou ambas com dores de estômago.

Ainda hoje, se fechar os olhos e pedir à memória que me traga de volta a expressão da Marta, dou uma gargalhada aonde quer que esteja.

Posso morrer a rir, literalmente, esteja onde estiver. Deixo de respirar, pelo que já mais do que uma vez

tiveram de me socorrer em salas, batendo-me nas costas com toda a força, para me ajudar a resolver.

Há uma cunhada que ainda hoje exerce esse poder sobre mim: diz «passa-me a mostarda» e atiro-me para o chão.

Mas a vez em que mais me ri foi, estranhamente, no velório do meu pai, com duas primeiras-damas na capela, a família em peso e a presença maciça dos alunos do IADE¹.

Estava há mais de uma hora a receber abraços e condolências, ao lado da minha mãe e dos meus irmãos, com as minhas amigas por trás, quando vejo avançar na minha direcção, respeitando a fila, um apolo de olhos azuis, muito alto, trajando *blazer* e calças beges. Sempre preparada para o humor, sobretudo nos momentos mórbidos, aviso as amigas:

– Vai ser o primeiro abraço que darei com gosto!

E assim foi. Quando chegou a sua vez, o rapaz inclinou-se para mim como se me quisesse segredar, ou mesmo beijar, mas, antes que o momento passasse, fechei o abraço nas suas costas com uma força excedentária, detendo-me mais do que a conta. Foi então que o ouvi, num sussurro:

– Perdão. Era só para dizer que vamos fechar a urna ao paizinho...

*

De consulta em consulta, fiquei a saber que o poeta Mário Cesariny, antes de morrer, em 2006, deixou um milhão de euros à Casa Pia. Estive que tempos cismando.

¹ Escola de Arte fundada por meu pai, António Quadros.

Não que um comunista tenha necessariamente de ser pobre, não caio nesses sofismas, mas um milhão espantou-me. O que se sabia, se bem me lembro, é que viveu sempre com enormes dificuldades, financiado pela família e pelo próprio editor, Manuel Hermínio Monteiro, não conseguindo nem por sombras viver da escrita. É talvez por isso que, a partir dos 60 anos, se dedica à pintura, não só por talento e vocação, mas também como expediente de subsistência. Terá tido tanto sucesso a vender telas que lhe permitiu aforrar uma exorbitância daquelas? A vida das pessoas sempre foi, para mim, um policial emocionante. Ou está mal contada ou tem segredos que merecem livros.

*

Antes de me deitar, soube que o Filipe Ferro da Cunha, meu primo querido e companheiro de infância, tinha morrido. Era neto de uma irmã de António Ferro e afilhado do meu pai. A ideia que tenho dele era a de alguém que não queria pesar no Mundo, mas não tenho a certeza. Apesar de muito próximos, perdi-o de vista em adulto. Não sei porquê, a minha irmã e eu sempre nos demos mais com a irmã, Patrícia, enquanto o meu irmão se dava com o irmão mais velho, Pedro. Nunca soube, neste tempo todo, com quem se dava o Filipe.

Sabia que estava doente, mas tive um choque. Choro. Gostava muito dele e a morte é sempre esta parte-gaga.

Estoril, sexta-feira, 29 de Novembro de 2013

Não tenho muita confiança na vida, porque ela morde se nos apanha distraídos. E mesmo quando não apanha. No entanto, já vivi o suficiente para saber que se alterna. Ou seja: quando um desânimo parece eternizar-se, quando nenhuma luz se enxerga, quando já deixámos de esperar – TAU, tudo muda! É essa incógnita que me repta e empolga, me mantém em prova. Claro que temos que colaborar, arriscar, contrariar a imobilidade e a inércia. A vida raramente é um mau livro, se soubermos ler. E escrever. Ou escrevemos nós a nossa história ou sai-nos a de outro qualquer.

*

Comecei a sentir o habitual formigueiro e tomei uma decisão: vou viver um ou dois meses para o campo, para casa da minha irmã Mafalda, em Vale d'Óbidos, aquela que foi refúgio campestre dos meus pais e lhe calhou por tornas. Fica perto de Rio Maior, onde está sediada a Fundação António Quadros, a que ela preside e reúne os três espólios da família, ou seja, de Fernanda de Castro, António Ferro e António Quadros.

Talvez me faça bem.

O pior é o frio que se rapa numa casa impossível de aquecer, mas se a Mafalda aguenta também posso aguentar. Veremos. Não sei quando vou, mas vou. Convém-me mudar de ares e passar uns tempos nos arquivos da Fundação investigando para o livro sobre o avô, a que me comprometi e estou sempre a adiar.

*

Esta história do sexo não afrouxa nem na minha idade, que espiga! Ao fim de tantos anos de liberdade em quase todo o Mundo, seria de esperar que as pessoas se acalmassem – qual quê? Continuam desesperadas. Ontem, experimentei falar com um escritor irlandês por *chat*, e ao princípio foi possível. Mas ao fim de vinte minutos de banalidades, mostrou-se logo interessado em saber como sou:

– *Describe you in three words, please.*

– *In what way?*

– *Phisically, of course.*

«Of course»?

E assim continuamos, desde há milénios: os homens a darem amor para terem sexo, as mulheres a darem sexo para terem amor – e não se sai disto.

*

Hoje meditando nesta capacidade intacta que os adultos de qualquer idade têm para julgar os outros, trair confidências ou fazer intrigas. Mais: a de maldizerem e negar que o fizeram para descartarem a responsabilidade de um mexerico, jurar falso, distorcer um pouco a versão dos factos para saírem bem vistos, trocarem amabilidades ao vivo e troçarem nas costas. Chega a ser comovente. É o traço infantil que mais perdura no tempo, em ambos os sexos, e não me estou a excluir. Mesmo que não queiramos, as palavras brotam no sentido do que mais odiamos em nós.

Vivi há bocado uma história assim, tão igual a todas que me eximo de contar. E não o faço porque, também eu, sem querer, poderia compor um pouco o relato, dar um jeitinho para que a balança da razão pendesse para o meu lado. A mesquinhez é uma das mais irreprimíveis naturezas do homem e pouco se fala dela. Não a vejo denunciada nem no Novo nem no Antigo Testamento, com o devido relevo. Na verdade, não a vejo suficientemente debatida por ninguém. Minto: penso que o papa Francisco a abordou há meses, ralhando

Ser mesquinho é humano, mas não é cristão

*

- Estou a ler um livro.
- Conta!
- É sobre a vida da Maria Antonieta, rainha de França e mulher do Luís XVI!
- E suspirando:
 - Uma vida fascinante!
 - Conta!
 - Olha, era uma mulher muito intriguista e esbanjadora que, depois da Revolução Francesa...
 - Não!
 - Não, o quê?
 - Não me contes o fim, porque perco logo o interesse!

Estoril, sábado, 30 de Novembro de 2013

O meu sogro, pai do Bernardo¹, faz hoje 90 anos. É dos veteranos mais rijos que conheci. Tem dores e problemas, mas continua a rir-se de quem se queixa. É um homem desconcertante. Toda a vida foi severo com os filhos, e teve oito rapazes, mas, à morte do terceiro, com 27 anos, o seu pulso férreo começou a afrouxar. Hoje em dia, todos brincam com ele e, se grita, gritam-lhe de volta. Não só: se lhes dá uma palmada com força nas costas, os filhos não se ensaiam de a devolver, sem qualquer contemplação para com a idade ou a saúde do pai. Estremeço quando assisto, porque uma palmada nas costas aplicada com força causa arrepios e uma dor tremenda. Mas ninguém parece importar-se. Nem ele, de causticar assim os filhos, nem os filhos, de o chatear a ele.

É uma casa de homens.

Não sei como a minha sogra conseguiu sobreviver feminina naquele ambiente, conservando-se até hoje uma flor delicada – é um mistério. Transita de divisão em divisão silenciosa, sem nunca se alterar, sempre com uma palavra de carinho para todos eles e uma paciência infinita para a personalidade energética, mas sísmica do marido.

O meu sogro, de Direita ostensiva, é um ex-oficial de cavalaria, jurista, meio francês, que teve a sorte de nascer num palácio em Neuilly. É filho de uma senhora de apelido Batigne e de um pai Ochôa.

¹ Ex-marido.

René Batigne, tio do meu sogro, legou à descendência esta história incrível: amigo chegado de Picasso, convidou-o um dia a visitar a sua casa de campo, em Vallauris, França, nos chamados Alpes Marítimos. Para o receber, convidou tantos amigos que, sentados, não cabiam à mesa. Não fez mais nada: esvaziou a capela para montar uma interminável mesa e recebeu ali mesmo.

Fascinado com as abóbadas da igreja da casa, Picasso suspirou em castelhano:

– Hombre, lo que me gustaría pintar estos techos!

Depois de ouvir aquilo, René Batigne, impassível, atirou-lhe as chaves de casa, oferecendo-lha.

Há vários Museus-Picasso, como se sabe, e, para além dos principais, de Paris e Barcelona, há outros de menor dimensão em Antibes, Horta de Sant Joan, Lucerna, Málaga, Münster, e, finalmente, em Vallauris, precisamente nesta casa oferecida a Picasso por um tio do meu sogro, onde o Pintor descobriria a cerâmica, começando a produzi-la diariamente.

Mas, mais do que desta história galante, do que o meu sogro se orgulha é, na verdade, do seu nome paterno, originário de Navarra e abrilhantado por um antepassado guerreiro que, no ano de 778, combateu na batalha de Roncesvalles, onde o exército chefiado por Carlos Magno sofreu a sua pior derrota, batendo em retirada depois de massacrado.

– Carlos Magno só teve três derrotas, uma delas com um Ochôa a combater!

Perante isto, brinca constantemente com os pergaminhos da mulher – «uma fidalgo da Chamusca», como lhe chama a rir-se – de apelido Manoel, que além de prima direita do actual conde de Atalaya é neta do marquês de

Tancos, cujo título foi criado por Dom José I em 1751, ou seja, insultuosamente novo ao pé do dele.

A minha sogra, espicaçada com esta história desde o casamento, nunca lhe deu importância. Mas o Bernardo, de quem eu disse muitas vezes ter um apelido espanhol, para despachar, ainda se enfurece algumas vezes, corrigindo-me:

– Não é espanhol, já te disse. É castelhano de Navarra!

Voltando ao meu sogro, nunca o vi ser snobe, até porque conta estas histórias a brincar e em casa. Apenas um dia, em que o surpreendi a submeter-se a uma tarefa doméstica pouco edificante, e eu lhe disse «Deixe, tio, faço eu isso!», ele, sabotando-me a ajuda, terminou o que fazia sorrindo-me, do alto dos seus oitenta e muitos:

– Menina, quando se nasce num palácio...

Não completou, mas percebi: quando se nasce num palácio, como ele, ganha-se senhoria suficiente para se sujeitar a quase tudo.

Em 1979, quando Maria de Lurdes Pintasilgo, então primeira-ministra, lhe levantou um processo de saneamento e o demitiu do seu cargo de Director do Instituto de Formação Social e Corporativo, sediado em São Pedro de Sintra, deixando-o sem cheta para alimentar a mulher e os oito filhos, o Bernardo jura que, no regresso de uma noitada, o encontrou um dia na Praça da Ribeira, de mangas arregaçadas, carregando fruta.

Curiosamente, o seu tio¹ Armando da Gama Ochôa e o meu avô António aparecem lado a lado numa fotografia

¹ Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro da Educação em 1926, foi, posteriormente, embaixador em Paris.

histórica, por ocasião da visita da Rainha Dona Amélia a Paris.

Com Leonor, sua mulher, a história muda. Numa leitura psi¹, pode ver-se ali uma alma anulada, uma vida desperdiçada ao serviço de um rancho de filhos. Não a vejo assim. É santa, sim, mas de uma santidade que não passa pela abnegação, mas por uma circunstância sabiamente aproveitada para percorrer um caminho individual muito belo, todo ele voltado à luz – tudo compreende, tudo suporta, tudo ultrapassa.

Não tenho grandes modelos de bondades descabeladas na família, mas esta Senhora ensinou-me que não há pressa para nada a não ser para aprendermos a não ter pressa. E então tudo se fará como se deve, com o tempo, a atenção e a serenidade que cada momento merece. Uma cirurgia, um incêndio, uma morte, são vividos por ela com a mesma dose de serenidade que dedica a um bacalhau no forno ou ao tombo de uma terrina. Tudo, nela, é lenta aprendizagem, e, mesmo assim, vai adiantada – é a única inveja que tenho na vida.

Melómana, arranjou sempre forma de reservar uma hora por dia para ouvir alternadamente as suas duas predileções musicais: Chopin e fado.

Tanto a dizer deles, senhores! Um dia, se pais e filhos me autorizarem, escreverei um livro sobre esta família espantosa.

¹ Referente às ciências ligadas à Psicologia, de uma perspectiva superficial.

*

A propósito de Maria Antonieta, que referi lá atrás, nunca tinha percebido por que motivo os franceses a chamavam *l'autre-chienne* (a outra cadela) em poemas e sátiras. Pois soube hoje: representa, só e mais nada, uma paronomásia da palavra francesa *autrichienne*, que significa austríaca. Segundo reza a História, a arquiduquesa nascera em Viena e os franceses nunca a aceitaram como rainha: achavam-na promíscua e acusavam-na de tentar influenciar o marido para os interesses austríacos.

Mas a verdadeira graça desta informação, que achei por acaso, enquanto pesquisava, foi o reencontro com esta figura estilística impronunciável:

PARONOMÁSIA

Muito simplesmente, refere-se ao emprego de palavras parónimas, ou seja, com sonoridade semelhante numa mesma frase – um trocadilho, para todos os efeitos.

Ah, senhores! Fico sempre tão incomodada quando o léxico gramatical do português é mais difícil do que o português em si – pobres estudantes!

*

SE DEUS EXISTE, TERÁ DE PEDIR-ME PERDÃO

(Escrito na parede por um prisioneiro de Auschwitz-Birkenau, antes de ser executado.)

Estoril, domingo, 1 de Dezembro de 2013

Hoje foi aquele dia de 1640 em que um grupo¹ endiabrado de nobres entrou pelo Paço da Ribeira adentro, prendeu a duquesa de Mântua, vice-rainha de Portugal durante a dominação filipina, e, tendo encontrado o traidor² transido de medo, escondido dentro de um armário, agarrou nele e arremessou-o pela janela do Paço Real de Lisboa para o Terreiro do Paço, entregando-o a uma multidão enfurecida que descarregou sobre ele todo o seu ódio, pontapeando-o e injuriando-o até o matar, e mesmo depois de morto, deixando depois o seu cadáver ensanguentado ali mesmo, entregue à curiosidade dos cães.

Para os historiadores, para os políticos, foi o Dia da Restauração da Independência de Portugal, após 60 anos de dominação filipina; para mim, foi a prova de que os portugueses podem ser tão selvagens como qualquer outro povo. Sozinhos, limitam-se a vociferar; em manada, são capazes de barbáries consentâneas com a Idade Média, mesmo perpetradas por fidalgos, como foi o caso.

*

1 de Dezembro.

A data foi feriado em Portugal desde a segunda metade do século XIX, sendo o feriado civil mais antigo, tendo

¹ Designado por «Os quarenta conjurados».

² Miguel de Vasconcellos, Secretário de Estado da duquesa de Mântua, representante da dominação filipina, lembrado para sempre como «traidor à pátria».